

Resenha do filme “Tropa de Elite”: As perspectivas da Segurança Pública através de uma Tropa de Elite

Douglas Ribeiro de Faria¹
Eliel Ferreira da Silva²
Luan de S. M. dos Santos³

Ficha técnica

Título: Tropa de Elite - Missão Dada é Missão Cumprida.

Ano da produção: 2007.

Dirigido por: José Padilha.

Estreia: 5 de outubro de 2007.

Duração: 115 minutos.

Classificação: 16 anos.

O filme brasileiro *Tropa de Elite*, dirigido por José Padilha, com roteiro de Bráulio Mantovani e Rodrigo Pimentel⁴, estreou no ano de 2007, é a adaptação ao Cinema do livro de André Batista e Rodrigo Pimentel, em parceria com Luiz Eduardo Soares (antropólogo e cientista político). estreou em 2007 e é uma adaptação cinematográfica do livro de André Batista e Rodrigo Pimentel, em parceria com Luiz Eduardo Soares (antropólogo e cientista político). Narrado em primeira pessoa pelo protagonista, Capitão Nascimento, o filme relata os dilemas enfrentados por um capitão do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE), encarregado de “pacificar”⁵ a favela do Morro do Turano para receber a visita do Papa João Paulo II, em 1997, devido ao interesse do pontífice em passar boa parte de sua estadia nesse local. O filme também acompanha a

¹ Graduando em Segurança Pública UFF/CEDERJ, Graduado em Segurança Privada UNICESUMAR, Suboficial do CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS da Marinha do Brasil.

² Tecnólogo em Segurança Privada/Empresarial- Uniban/Anhanguera-SP, Bacharel em Administração Pública UFF/CEDERJ, Pós Graduado em Gestão Pública - UNINOVE - SP e Graduando em Segurança Pública pela UFF, Servidor Público Federal no Poder Judiciário na Secretaria de Segurança Institucional - JFRJ/SSI

³ Graduando em Segurança Pública UFF/CEDERJ, Militar Ativo do QUADRO DE PRAÇAS DA ARMADA da Marinha do Brasil

⁴ Rodrigo Pimentel é pós-graduado em Sociologia Urbana pela UERJ. Foi articulista do Jornal do Brasil e produtor do documentário Ônibus 174. Membro da Polícia Militar do Rio de Janeiro de 1990 a 2001. Foi Capitão do Bope de 1995 a 2000. Ex-integrante do bope. Em 2005. Auxiliou como roteirista. No filme do livro elite da tropa. Em parceria. Com Luiz Eduardo Soares e André Batista.

⁵ Pacificar é um verbo que significa devolver, promover ou restituir a paz, a calma ou a serenidade. Pode também denotar o fim de conflitos, da agressividade ou da agitação. Quando aplicado ao contexto de políticas públicas, pacificar envolve a implementação de medidas que fomentem a harmonia social e a resolução pacífica de conflitos, o que pode incluir políticas de mediação, programas de educação para a paz e iniciativas que busquem a equidade social. O objetivo é criar um ambiente onde todos os cidadãos possam viver em paz, com direitos respeitados e acesso a oportunidades iguais. No entanto, o filme apresenta uma imagem paradoxal desse processo, ao mostrar que, muitas vezes, a pacificação é alcançada por meio de vias violentas.

trajetória de dois aspirantes a oficiais da corporação, Matias e Neto, designados para um batalhão da PMERJ (Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro). Esta resenha analisa e problematiza três pontos centrais: primeiro, a representação da polícia no cinema brasileiro; segundo, o papel do baile e da música funk na construção narrativa do filme; e terceiro, a experiência dos policiais militares (PM) na formação universitária."

Sobre o primeiro ponto, a representação da polícia no cinema brasileiro, mais especificamente no que se reproduz na obra cinematográfica no Rio de Janeiro, onde se observa a forma de apresentar versões ou idealizações de como se retrata uma instituição pública bicentenária, por uma narrativa na qual se pretende explorar sua atuação num limite de tempo com informações que podem discriminar, distorcer, ou exaltar, mesmo que de forma estrábica, e ou condescendente a sua atuação diante da população.

Em grande parte do filme, percebe-se uma tentativa sutil de caracterizar a polícia militar como uma instituição completamente corrupta, o que não corresponde inteiramente à realidade. No entanto, o filme revela um paradoxo: embora a polícia esteja moldada por tradições, muitas dessas tradições foram dilapidadas e refletem práticas que jamais deveriam fazer parte de sua atuação, práticas inconfessáveis que espelham o histórico hierárquico e excludente, herdado do passado colonial brasileiro. Esse passado criou uma sociedade piramidal que, embora se veja como democrática, funciona com base em profundas desigualdades. Desde sua criação, a instituição policial carrega uma linguagem institucional rígida que proclama a missão de 'Servir e Proteger', mas cuja estrutura é frequentemente comprometida por práticas que distorcem esses valores. Nesse contexto, a polícia não se apresenta como visionária em sua missão, mas como uma corporação enraizada em uma cultura organizacional inflexível e permeada por contradições históricas que ainda influenciam sua atuação.

É possível observar, no desenrolar das cenas que mostram a chegada dos aspirantes e sua alocação nas atividades da unidade militar, que o personagem Matias é designado ao setor de comunicações e estatísticas. Através de um árduo trabalho de análise e representação gráfica dos dados sobre os crimes na área de atuação do batalhão, o aspirante desenvolve uma projeção estratégica para o posicionamento das viaturas. No entanto, ele recebe ordens expressas para alterar as informações apresentadas, pois os 'dados verdadeiros' poderiam gerar consequências indesejadas para os superiores do

batalhão. A intenção de Matias era direcionar e orientar a atuação policial de acordo com as necessidades da população, utilizando os dados para alcançar melhores resultados. Porém, isso se torna inviável devido a questões obscuras e à visão política distorcida de seus superiores, que priorizam interesses escusos sobre o bem-estar público.

O filme contribui de forma positiva ao expor à sociedade, especialmente àqueles que não passaram por um ambiente de formação militar, uma visão da atuação policial marcada pelo altruísmo e pela abnegação de alguns de seus integrantes. Ainda que esses valores existam e apareçam de forma individualizada diante das dificuldades e desafios retratados, eles revelam o que é valorizado na instituição: o 'espírito de corpo' cultivado entre os membros. As atividades, mesmo fora da rotina, são planejadas com um alto nível de precaução e atenção aos riscos, com o objetivo de priorizar, ainda que de modo indireto, a segurança da população.

O sentimento cultivado no ambiente de formação inicial do policial torna-se uma condição fundamental para a continuidade de sua carreira, sendo, de fato, uma condição *sine qua non* para seu direcionamento a unidades especializadas da polícia, como retratado no filme.

Sobre o segundo ponto, o papel do baile e da música funk na construção narrativa, a trilha sonora de *Tropa de Elite* é composta por diversas músicas do gênero urbano funk. Em uma das cenas iniciais mais marcantes, os espectadores são introduzidos a um baile funk realizado a céu aberto, onde moradores de uma comunidade se reúnem para momentos de diversão e entretenimento. No entanto, o evento é abruptamente interrompido por um confronto com armas de fogo entre a polícia e traficantes da favela, revelando o dilema cotidiano enfrentado pelos moradores, que frequentemente se veem em meio ao fogo cruzado. A escolha do funk como trilha sonora reflete a cultura das favelas, enriquecendo a ambientação e trazendo a energia e identidade desses espaços para as cenas. Com suas batidas intensas e letras que abordam temas sociais e do dia a dia, a música funk complementa a narrativa do filme, acentuando a tensão e emoção das cenas. Essa conexão entre o funk e os eventos na comunidade reforça a autenticidade da produção e aprofunda a imersão do espectador na realidade complexa retratada pelo filme.

O terceiro ponto, a experiência dos policiais militares (PM) na formação

universitária, é abordado no filme através do personagem Matias, um aspirante a policial que decide cursar Direito na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Matias enfrenta diversos dilemas relacionados à sua profissão, especialmente retratados em uma cena de aula de sociologia, onde ele e três colegas devem apresentar o livro *Vigiar e Punir*, de Michel Foucault. Como mencionado, o filme usa uma narração em primeira pessoa, pelo personagem Capitão Nascimento, que comenta a decisão de Matias de frequentar a universidade: 'Eu não tinha problema com Matias fazer faculdade, o que me deixava puto era ele não perceber que um policial não é um estudante como os outros'. Essa fala revela a tensão entre a vida universitária e a realidade policial, demonstrando a incompatibilidade que existia entre a polícia e a universidade na época. Matias sente a necessidade de ocultar sua profissão dos colegas, mas isso não o impede de entrar em conflitos devido às suas visões de mundo. Ao se reunir com o grupo em uma ONG localizada em uma favela, onde a presença policial é muitas vezes indesejada, a situação se complica. Durante a exposição, surge um debate acalorado em que a polícia é descrita pelos colegas como uma instituição perversa que exerce relações de poder violentas sobre a população. Todos concordam com esse posicionamento, compartilhando experiências de abordagens policiais violentas; uma colega chega a dizer: 'A polícia primeiro atira para depois saber quem é bandido e quem não é'. Matias, por outro lado, defende a instituição, argumentando que há muitos policiais honestos e, ao final, afirma: 'Vocês não têm a menor noção de quanta criança entra para o tráfico e morre por causa da maconha e do pó; do apartamentinho de vocês aqui da zona sul não dá para ver esse tipo de coisa, não'. Esse argumento moralizante, que associa o consumo de drogas ao ciclo de violência e ao tráfico que atinge a periferia, conduz o filme a uma reflexão sobre as diferentes perspectivas e preconceitos entre os universos da polícia e dos estudantes. A partir desse momento, a turma silencia, e muitos colegas de Matias evitam contato com ele ao longo do filme.

Entre os diversos temas abordados pelo filme, destaca-se o dilema enfrentado pelo policial Matias em sua participação como aluno do curso de Direito na PUC-RJ. Em uma das cenas, Matias sente a necessidade de esconder sua profissão dos colegas universitários, evidenciando a incompatibilidade que, na época da produção do filme, existia entre a polícia e a universidade. Embora seja uma obra de ficção, essa situação

parece refletir uma visão cristalizada e amplamente difundida naquele contexto. Um exemplo disso pode ser encontrado no artigo jornalístico de 2007, ano de lançamento de *Tropa de Elite*, intitulado 'Graduação em segurança pública incita protesto na UFF'. O artigo destaca como a criação do curso de Segurança Pública gerou inconformismo entre os estudantes da Universidade Federal Fluminense (UFF). No entanto, mais de uma década depois, iniciativas como o curso de Tecnologia em Segurança Pública, oferecido pelo consórcio CEDERJ e coordenado pelo Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (InCT-INEAC), fundado pelo professor Emérito Roberto Kant de Lima, têm contribuído para modificar esse panorama de incompatibilidade. Essas iniciativas têm aumentado significativamente a presença de policiais militares e outros agentes de segurança pública na universidade, promovendo uma maior integração entre essas esferas.

Esse processo tem sido marcado por uma negociação gradual tanto por parte da universidade quanto dos policiais, que agora ocupam o papel de estudantes universitários. Nos períodos iniciais do curso, observava-se uma dificuldade por parte desses alunos em se enxergarem como integrantes da UFF, o que resultou em diversos conflitos. Esses conflitos foram geridos, em parte, pela criação do LABIAC, um coletivo voltado para a iniciação acadêmica nos diferentes polos do CEDERJ. A partir de oficinas, como a de produção de texto — onde este próprio texto foi produzido —, o LABIAC tem possibilitado que os alunos, majoritariamente agentes de segurança pública, participem ativamente dos habitus acadêmicos universitários e exerçam sua cidadania por meio do acesso e exercício de direitos.

O filme *Tropa de Elite* é marcante ao retratar 'como funciona a Polícia Militar do Rio de Janeiro', abordando, entre outros tópicos, o impacto psicológico sobre cada militar do BOPE. A sanidade mental desses agentes é fundamental, pois seu cotidiano envolve atuar em áreas de risco, combater o tráfico (inclusive utilizando técnicas de combate não convencionais), prender delinquentes, libertar reféns e trocar tiros com criminosos. Ao mesmo tempo, esses policiais devem cumprir rigorosamente o regulamento para evitar erros que possam comprometer sua carreira, a imagem da corporação e, principalmente, sua função de proteger a população e garantir seus direitos. Além disso, após um dia de intensas atividades, eles precisam estar emocional e mentalmente preparados para

retornar a seus lares e conviver com suas famílias como se tivessem tido um dia 'normal'. Manter a sanidade mental nesse ciclo é extenuante: a pressão de ser um herói, um pai, esposo ou amigo em casa, sem demonstrar fragilidade ou cansaço, é imensa. Esse fardo constante pode resultar em problemas psicológicos como estresse pós-traumático, ansiedade e dificuldade em criar vínculos afetivos saudáveis, gerando um peso emocional que afeta todas as áreas de sua vida, 24 horas por dia.

Sobre os três pontos abordados nesta resenha, concluímos com algumas reflexões: de que forma a imagem representada da polícia em *Tropa de Elite* impacta a relação entre essa instituição e a cidadania? A representação da polícia no filme reflete as complexas dinâmicas sociais do Brasil e nos leva a questionar como a visão da polícia — e a percepção que ela gera na sociedade — influencia não apenas a eficácia da segurança pública, mas também a vivência da cidadania. A construção de uma imagem positiva e de uma relação de confiança entre a polícia e a população é essencial para superar as barreiras existentes e para avançar em direção a uma sociedade mais justa e coesa. Somente com a superação dessas tensões e com a humanização do vínculo entre a instituição policial e a população é que se pode vislumbrar uma atuação mais alinhada aos direitos e à proteção de todos os cidadãos.

Qual seria o objetivo, ainda que não exposto, do diretor ao incluir o funk nas cenas ambientadas dentro da comunidade? Entre outras possíveis interpretações, pode-se dizer que o intuito do diretor foi promover uma forma de humanização e de representação da cultura local ao inserir esse gênero musical. O funk, além de retratar a realidade das comunidades cariocas, funciona como um contraponto à violência e à repressão policial, sendo apresentado como símbolo de resistência e de identidade nas favelas. Essa escolha destaca a dualidade entre a opressão e a celebração cultural, oferecendo uma visão mais complexa dos moradores das favelas — pessoas com suas próprias formas de expressão e de alegria, em vez de serem mostradas apenas como vítimas ou criminosos. Ao humanizar os personagens e enriquecer as cenas com um ritmo que é ao mesmo tempo provocativo e crítico, o diretor questiona a estrutura social e a violência do Estado. Dessa forma, o uso da trilha sonora entrelaça-se com a narrativa do filme, trazendo à tona questões sociais, culturais e políticas que aprofundam a compreensão da relação entre a polícia e a comunidade.

Que outras ações podem ser realizadas, além do ingresso da polícia na universidade, para garantir o exercício pleno da cidadania nessa instituição? Apesar das políticas públicas já existentes no Brasil, como as políticas de cotas, que representam um importante passo para a inclusão de indivíduos negros nos bancos acadêmicos e para a conquista da cidadania plena, essa é apenas uma parte de um contexto muito mais amplo. Benefícios e políticas públicas adicionais devem ser desenvolvidos e ampliados para garantir o exercício pleno da cidadania, incluindo o acesso à educação, o empoderamento econômico, a melhoria nas condições de saúde e bem-estar, a participação ativa na política, e o acesso à segurança e à justiça. A implementação dessas políticas contribui de maneira significativa para a promoção da igualdade de oportunidades e para o fortalecimento da coesão social. No entanto, é essencial que essas iniciativas sejam acompanhadas por uma mudança cultural que valorize a diversidade e combata, por exemplo, o racismo estrutural, criando um ambiente onde todos se sintam reconhecidos e incluídos como cidadãos plenos.

Referência Bibliográfica:

FUKUYAMA, Francis. State-building: governance and world order in the 21st century. Ithaca: Cornell University Press, 2004.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1959.

HALL, Stuart. Cultura, mídia e poder. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, Jorge. A Polícia Militar e a concepção de pacificação nas favelas. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

ZAFFARONI, Eugenio Raúl. O que é a segurança pública? São Paulo: Escritura, 2001.